

PRÓ MISSÕES





Em cima: CABO VERDE—Cidade do Mindelo.

Ao centro: ANGOLA—Finalistas de 1947, no Instituto do Bongo.

ANGOLA—Aula primária no Instituto do Bongo.

Em baixo: PRAIA—Grupo de crentes Adventistas baptizados por imersão.



UNIÃO PORTUGUESA

das

ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA
Rua de Joaquim Bonifácio, 17
LISBOA

Prezadíssimos leitores

Agradecemos, muito sensibilizados, a vossa simpatia pelas Missões Adventistas, nas colónias portuguesas. Os escudos ou centavos ganhos na venda desta revista serão integralmente empregues na manutenção e desenvolvimento da nossa rede missionária, com a sua natural acção benéfica no domínio espiritual.

PELA U. P. DOS ADVENTISTAS

O TESOUREIRO

A. F. Raposo



«IDE POR TODO O MUNDO PREGAI O EVANGELHO A TODA A CRIATURA»

(S. MARCOS 16:15)

As dificuldades da nossa vida são múltiplas. Algumas delas não têm solução humana possível. Temos de nos resignar o melhor que pudermos. Por felicidade, muitas delas são solúveis. Bastaria que melhorasse a alma humana e o altruísmo fosse desalojando a ferocidade egoísta.

Em geral, não há remédio para a morte e a manutenção da saúde encontra base deficiente nas ciências médicas. Ainda não está totalmente na mão do homem a vida com os seus grandes mistérios. As catástrofes cósmicas, o entrechoque de astros não podem ser evitados pelos pobres mortais.

Fora disso, que não poderíamos evitar, se todos quisessem e se esforçassem?

Seria possível vencer a fome? São raríssimos os países do mundo onde a produção não excede o consumo, neste ou naquele artigo. Para certos artigos e países, a produção é tão grande que se vêem obrigados a queimar o excedente, com o fim de não desequilibrar a balança comercial ou fixar um preço irrisório à mercadoria. Os transportes são rápidos. Bastaria, pois, um acréscimo de fraternidade humana entre os povos e a fome seria vencida onde quer que ousasse aparecer.

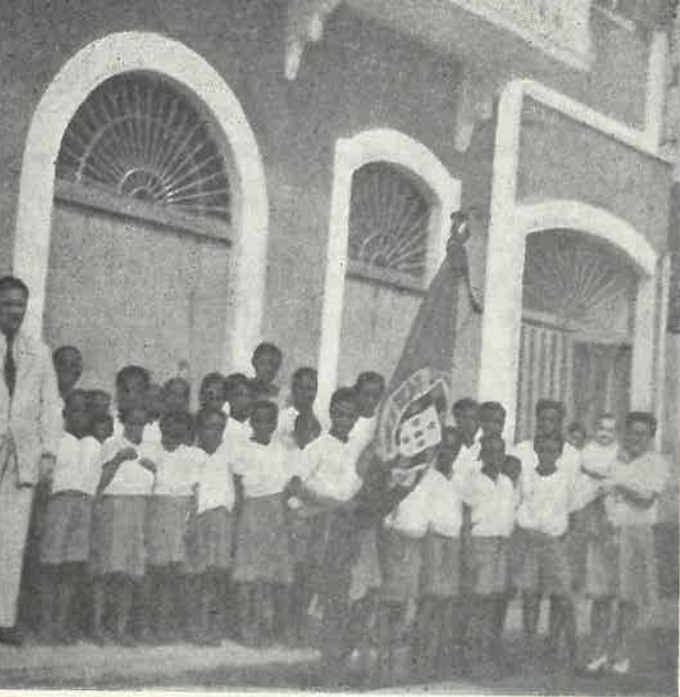
Seria possível evitar a guerra? As guerras são, simultaneamente, de ataque, para uns, e de defesa, para outros. Certos povos ou, melhor dizendo, todos os povos são arrastados

à invasão dos seus vizinhos, com as conseqüentes destruições, pela visão errada dos seus governos que desejam aumentar os bens materiais ou a propagação de um determinado ideal, bem fraco sempre que, para a sua realização, tenha de contribuir o derramamento de sangue inocente. Um pouco mais de altruísmo e as guerras de ataque cessariam e, com elas, as guerras de defesa. Diremos que está no sangue humano essa tendência à guerra? Pois bendita cruzada aquela que tender a limpar o nosso sangue dessa tara ancestral.

Será possível encontrar trabalho para todos? Por certo, trabalhos úteis não faltam e, muitas vezes, faltam apenas as competências e os braços para os realizar. Nem todos têm capacidade de organização e realização de trabalhos. Em vez de se combaterem, braços e inteligências deveriam respeitar-se e ajudar-se. Precisamos apenas de doses mais elevadas de compreensão e boa vontade.

Necessitamos muito da doutrina de Cristo nos nossos corações e, para isso, não há outro meio senão a difusão dessa doutrina nas massas populares de todo o mundo mas, em especial, na alma dos povos menos civilizados. A tocha do Evangelho deve passar das mãos da actual geração para as da futura, em todo o mundo. Vamos muito atrasados e, se não apressarmos o passo, será tarde demais!

AS MISSÕES CRIS



S. TOMÉ — Escola Adventista na capital com o seu director

Poucas foram as vezes que Jesus chorou, segundo os Evangelhos.

Dotado da mais estreme e equilibrada sensibilidade, seria necessário que acrisolada dor ou pungente amargura o atormentasse, para exteriorizar, pelas lágrimas, o seu sofrer.

Pois uma dessas poucas vezes em que Jesus chorou, foi, precisamente, pela triste sorte a que estava votada a sua terra, a sua querida pátria.

Ao contemplar a cidade de Jerusalém que se estendia, mansamente, do alto de uma colina, a seus pés, Jesus entrevedo a próxima destruição do Templo e da cidade, derramou lágrimas de sincero e acendrado patriotismo.

Também os Apóstolos, seguindo o exemplo do Mestre, não deixaram de inculcar o amor da pátria terrestre, como prenúncio da eterna.

De resto, os próprios judeus, tão nacionalistas, tinham no seu livro dos Salmos, a clara indicação de que Deus jamais esquecerá as várias nacionalidades espalhadas pela superfície da terra...

Jesus deu o sublime exemplo de grande amor patriótico — amor sincero, que o levou a derramar bem amargas lágrimas ao recordar a destruição da sua pátria.

Seguindo o exemplo do Mestre têm, também, os cristãos, entre os seus legítimos amores, o amor da sua Pátria, dessa pátria que lhes deu o berço.

E que é, afinal, a Pátria?

São nossos pais e amigos, a casa pobre em que nascemos, a courela fértil que nos alimenta, o rincão humilde, perdido nas abadas de alguma serra ou beijado pelo mar azul que reflecte o céu puríssimo da nossa linda terra; é a escola, onde aprendemos a deletrear, é o cemitério, onde dormem nossos avós, é esta terra de beleza e sonho que o Tejo e o Douro cortam; é a língua em que balbuciamos pela vez primeira os suaves nomes: Deus, mãe, pai, essa história de glórias, proezas e fé, que assombram o mundo inteiro.

Seguindo o exemplo de Jesus, deve o cristão ter, como imperativo categórico, o amor pela sua pátria, na qual vê o vestibulo da pátria celestial.

Como projecção do amor da pátria, foi um móbil, e dos mais pronunciados, o que levou o nosso Portugal quinhentista a realizar a excelsa epopeia dos Descobrimentos, esse capítulo, porventura, dos mais brilhantes da História Moderna.

Foi Portugal o seu autor, escrevendo-o, durante anos consecutivos, «por mares nunca dantes navegados», nas cascas de noz de frágeis caravelas assinaladas com a Cruz de cristo, à descoberta do mundo.

Ao partirem os nossos navegadores «donde



ANGOLA — Adventistas europeus na Missão do Bongo

TÃS: centros de caridade e patriotismo!...

a terra se acaba e o mar começa», lá iam ao serviço de Deus e do Rei, na dilatação da Fé e do Império, sulcando o caminho áspero da glória.

Quase já é lugar-comum dizer-se que a História de Portugal é um capítulo heróico da história do mundo moderno. Dando «ao mundo novos mundos», a civilização humana tomou, então, carácter mundial, graças, precisamente, à acção descobridora dos portugueses.

Essa deslumbrante actividade civilizadora dos portugueses é, de facto, a projecção palpitante do verdadeiro patriotismo cristão, de que Jesus deu tão grandes provas.

E, ainda hoje, essa mesma actividade civilizadora e patriótica se encontra, nitidamente, focada nas missões cristãs.



NOVA SINTRA (BRAVA) — Onde existe uma Missão Adventista

As nossas Missões Adventistas são outros tantos centros de evangelização, de cultura e de assistência médica.

Nem podia ser de outro modo, pois têm, necessariamente, de reflectir o carácter do Divino Mestre, que passou pela Terra, amando a sua pátria, ensinando a todos e curando os doentes.

É, pois, assim, que as Missões Adventistas têm o mesmo objectivo de Jesus: ensinar e curar.

Ensinam aos indígenas o caminho do dever e da dignidade humana, que, tornando-os, verdadeiramente, homens, patriotas e cristãos, os levará à vida eterna; tal é o trabalho dos missionários na igreja e na escola.

Mas além desta tarefa, já por si gloriosa, ainda as Missões Adventistas realizam nos seus hospitais a caridosa assistência de medicar, operar e salvar tantas e tantas vidas, que assim podem vir a conhecer a mensagem do Evangelho.

Auxiliar as Missões é cooperar na grande obra da salvação das almas, é apressar a vinda gloriosa de Jesus Cristo e o estabelecimento do Seu reino de amor, que jamais terá fim.

Foram, outrora, os primeiros missionários, os soldados da cruz caminhando ao lado dos soldados da espada, percorrendo terrenos desconhecidos e ardilosos, desvendando mistérios e terrores indizíveis; por toda a parte implantavam, difundiam e ensinavam a sublime Mensagem de Jesus.

Hoje, como ontem, também os missionários defrontam, com heróica, os perigos da natureza e a hostilidade dos homens, expondo-se a perigos sem conta, para mostrar a sinceridade da sua crença e ganhar almas para o Evangelho.

Ao lado da formação religiosa e cívica fornecem, também, os missionários, a literária e a médica.

Cada centro missionário é, indubitavelmente, uma igreja, uma escola, um hospital. Que sublimes exemplos de caridade, de civismo e de patriotismo nos não oferecem as Missões?



PELO

DR. J. NUNES BRANCO

Conselheiro Pedagógico do Seminário Adventista



aspecto católico

POR ERNESTO FERREIRA DIRECTOR DO SEMINÁRIO ADVENTISTA

Desde que, pela primeira vez conhecida, a designação de *católica* foi atribuída à igreja cristã por Santo Inácio de Antioquia, na sua epístola aos Smirnenses, o termo tem-se prestado a lamentáveis equívocos.

No sentido menos abusivo da palavra só a igreja cristã é, na verdade, universal, o que equivale a dizer, católica. Ao passo que para o judeu vulgar do tempo de Jesus, o gentio era um impuro cujo contacto urgia evitar, e o samaritano era mimoseado com o melífluo apelido de «cão», sendo-lhe negada a entrada na igreja israelita ainda que o desejasse, — para o longânimo Fundador do Cristianismo não havia a mais leve sombra de acepção de pessoas. Os privilégios do Evangelho deviam estender-se a todos os meridianos e a todas as latitudes, a todos os pigmentos de pele e a todas as castas sociais — onde quer que houvesse almas sedentas de verdade e de vida eterna. Por isso, antes de terminar a Sua carreira entre os mortais, disse Jesus aos Seus discípulos: «Ser-Me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém, como em toda a Judeia e Samaria e até nos confins da Terra» (Act. 1:8). E a ordem de comando era: «Ide, ensinai *todas as nações*, baptizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo» (Mat. 28:19).

Sob este aspecto, não poderíamos considerar universal, católico, o politeísmo fenício, assírio-babilónico ou greco-romano. Os respectivos deuses e cultos eram essencialmente, por vezes zelosamente, locais. Certas denominações cristãs, confinadas no próprio nome que adoptaram a determinadas regiões ou países, tão pouco podem, sob este aspecto, ser consideradas universais.

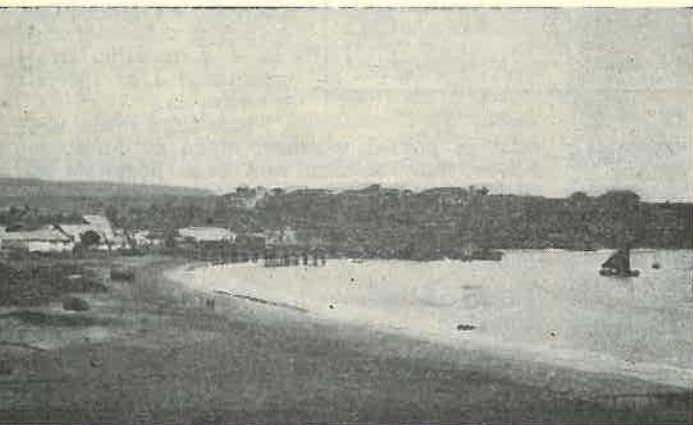
A igreja adventista, porém, com o seu programa de acção mundial, com os seus missionários e membros espalhados por todos os países, com a sua mensagem pregada em todas as línguas e em grande número de dialectos é, intencionalmente, e quase territorialmente, universal, e, portanto, no sentido mais correcto, eminentemente católica.

O carácter universal da mensagem cristã relaciona-se não apenas com o âmbito da sua acção, mas também com o conjunto das suas doutrinas. Não seria católica a igreja que não pregasse *todas* as doutrinas ensinadas por Jesus. «Este evangelho», «o evangelho eterno», devia ser pregado até ao fim dos tempos (Mat. 24:14; Apoc. 14:6).

A igreja adventista, admitindo e pregando as verdades do Evangelho, ainda as que passaram ao esquecimento com o dobar dos séculos, coloca-se, também sob este aspecto, numa posição universal, católica, relativamente aos ensinados de Jesus.

A mensagem adventista comporta, com efeito, os mais universais princípios do Evangelho. Eis alguns:

- Deus é constituído pela Santíssima Trindade, em nome da qual — Pai, Filho e Espírito Santo — é administrado o baptismo (Mat. 28:19).
- Jesus, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, consti-



PRAIA — Junto da capital

mensagem adventista

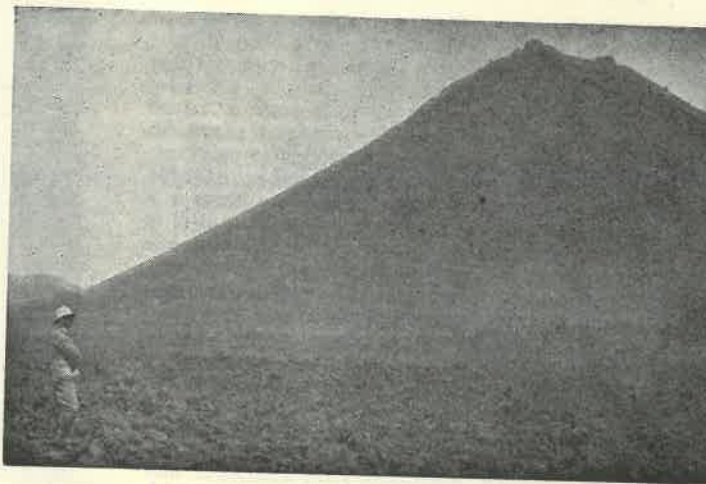
tuído por uma só pessoa e por duas naturezas — divina e humana —, nascido da Virgem Maria, em Belém, «morreu por nós, sendo nós ainda pecadores», de sorte que «sendo justificados pelo Seu sangue», «fomos reconciliados com Deus pela morte de Seu Filho» (Rom. 5:8-10).

- Por nós mesmos, nada poderíamos fazer para nos salvarmos. Mas «sendo justificados gratuitamente pela Sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus» (Rom. 3:24), nada mais temos a fazer do que aceitar pela fé e agradecer, reconhecidos, o dom da vida eterna, que nos é tão dadivosamente oferecido, e sentirmo-nos felizes. «Sendo, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus por nosso Senhor Jesus Cristo» (Rom. 5:1).
- Esta aceitação pela fé requer, como condição preliminar, o repúdio dos pecados pretéritos ou, noutros termos, o arrependimento, a confissão e a restituição (Luc. 24:47; 1 João 1:9); e, como consequência natural, «que não sirvamos mais ao pecado» (Rom. 6:6), o que nos será possível pelo poder do Espírito (Rom. 8). Longe de substituir pela fé a guarda dos mandamentos de Deus, o Evangelho mantém, como manifestação da própria fé, a observância da Lei Moral (Rom. 6; 1 Cor. 7:19), acerca da qual disse Jesus que «É mais fácil passar o Céu e a Terra do que cair um til da Lei» (Luc. 16:17). Daí a necessidade da guarda de todos os mandamentos, tais como foram dados por Deus (Êxodo 20). A vida na Terra torna-se, assim, uma preparação para a vida futura, onde se observará a mesma Lei.
- Como entrar na vida eterna? Não havendo evidência bíblica de que seja logo após a morte, a única esperança repousa na ressurreição. Por isso dizia S. Paulo: «Se os mortos não ressuscitam... é vã a nossa fé» e «os que dormiram em Cristo estão per-

didos» (1 Cor. 15:16-18). Mas os mortos ressuscitam. E quando? «Cristo, as primícias; depois os que são de Cristo, na Sua vinda» (1 Cor. 15:23). Será esse o grande dia dos remidos — «recompensado te será na ressurreição dos justos» (Luc. 14:14).

- Por isso os crentes primitivos, como verdadeiros adventistas, aguardavam com tanto interesse o advento, a vinda de Jesus. Para eles era o grande acontecimento do futuro. «O Senhor vem» — era a sua saudação (1 Cor. 16:22). «Ora vem, Senhor Jesus» — era o seu anelo (Apoc. 22:20).

Universal no seu campo de actividade, universal no auditório a que se dirige, universal nos pontos doutrinários do «Evangelho eterno» que foca, a mensagem adventista pode, assim, considerar-se como uma mensagem de carácter genuinamente católico, no sentido mais natural, mais sincero e mais nobre da palavra. É desta mensagem salvadora que tantas almas em luta carecem.



CABO VERDE — Vulcão na ilha do Fogo, onde temos duas missões

Missão



CABO VERDE — S. Filipe, onde temos uma Missão

«**E**is que as primeiras coisas passaram, e novas coisas eu vos anuncio, e, antes que venham à luz, vo-las faço ouvir.»

«Cantai ao Senhor um cântico novo, e o seu louvor desde o fim da Terra: vós os que navegais pelo mar, e tudo quanto há nele; vós ilhas e seus habitantes.

«Alcem a voz o deserto e as suas cidades, com as aldeias que Kedar habita: exultem os que habitam nas rochas, e clamem dos cumes dos montes. Dêem glória ao Senhor e anunciem o seu louvor nas ilhas.»



Muitos anos já passaram depois que o profeta Isaías escreveu estas palavras, mas damos graças a Deus por se estarem a cumprir nas ilhas que formam o arquipélago de Cabo Verde.

«As coisas velhas já passaram e novas coisas vos anuncio» — diz ainda o servo do Senhor. Em conformidade com estas palavras, vamos fazer todo o possível para apresentar tudo quanto é novo, que vos possa alegrar e regozijar, mas, antes de apresentar aos nossos leitores as notícias de Cabo Verde, desejo expressar os nossos agradecimentos pela vossa simpatia pela causa altruísta das Missões, manifestada através do auxílio que prestastes no ano findo, dando-vos a certeza de que não foi em vão tudo quanto fizestes.

O trabalho realizado durante o ano passado pode ser classificado como bom em todos os sectores da nossa actividade. Grande número de aderentes aos princípios evangélicos que, dessa maneira, sofreram uma completa mudança de vida. Novos conhecimentos de higiene, vida mais sã e mais moral, foi o que se

conseguiu nesta primeira parte do nosso trabalho.

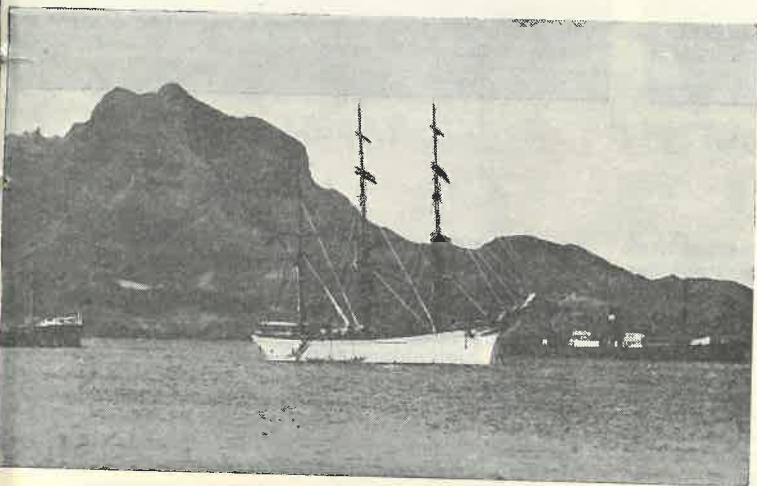
Aliado à evangelização temos o ensino e, neste ramo da nossa actividade, alcançámos algumas vitórias. A nossa escola de instrução primária na ilha da Brava aumentou o número de alunos de 54 para 83, o que revela o apreço e simpatia pela nossa instituição. Não obstante os bons resultados obtidos, estamos certos que mais êxito teríamos se não fosse a grande crise que temos presentemente em

Cabo Verde por não ter chovido nos dois últimos anos. «Cabo Verde atravessa a maior crise da sua história» — dizia ainda não há muito tempo o nosso diário *O Século*.



CABO VERDE também aprecia o Evangelho

de Cabo Verde



CABO VERDE — Porto Grande, S. Vicente

A situação é bastante crítica em Cabo Verde. Muitas centenas de pessoas têm encontrado a morte pela fome. Não havendo chuva não pode haver produção e, como o povo não tem dinheiro, embora haja um comércio devidamente abastecido, tem que morrer. Muito o nosso governo já fez e continua a fazer em favor deste povo desprovido de sorte, e a nossa organização não podia ficar indiferente a tanto sofrimento. Assim, durante o ano de 1947, alguns milhares de escudos dispendemos para suavizar o sofrimento deste povo e ainda continuamos animados do mesmo espírito e desejo de fazer alguma coisa durante o ano corrente. Temos boas perspectivas para este ano se encontrarmos os fundos necessários. Na cidade da Praia, capital da colônia e onde temos a nossa sede, ali estabelecida há pouco mais de um ano, queremos abrir uma escola de instrução primária, fornecendo aos alunos uma refeição diária e, talvez, vestuário. Com a nossa escola da Brava pensamos fazer o mesmo. Temos, portanto, bons planos que queremos converter em realidades, para o que necessitamos de fundos e da simpatia de todos os prezados leitores, lembrando-vos que, enquanto em outras Missões necessitam apenas de ser cristianizados, aqui necessitam também do pão material.

Este povo pacífico, inteligente e respeitador merece tudo o que fizemos em seu favor.

POR

J. de Ascensão Esteves



CABO VERDE — A Juventude da Brava também tem as suas aspirações.

Junho, 1948

Ao contemplarmos num mapa o arquipélago de Cabo Verde, temos a impressão de que as dez ilhas que o formam são dez calhaus que Deus semeou no meio do oceano e que clamam a nós por socorro.

Não estareis vós este ano, mais uma vez, dispostos a serdes generosos, auxiliando o trabalho das Missões?

«Se tiverdes dado só que seja um copo de água fria a qualquer destes pequeninos em nome de discípulo, de forma alguma perdereis o vosso galardão»—disse Jesus.

Oxalá estas palavras simples tenham o condão de tocar nos vossos corações, levando-vos de coração a prestar todo o vosso valioso auxílio material à causa nobre das Missões.



ANGOLA — Catequistas em campanha evangelizadora no mato



ANGOLA — Dança do batuque

As Missões Adventistas em Angola estão estabelecidas para auxiliar o povo da mesma, sem distinção de raças, através dos seus vários centros missionários, espalhados por este vasto território. A nossa sede é em Nova Lisboa. Ali estão os escritórios da Direcção, uma igreja e um dispensário, onde são feitos muitos tratamentos anuais. O nosso maior centro missionário é, sem dúvida, a Missão do Bongo, da qual falarei no fim.

Vamos fazer uma viagem pelas nossas Missões, tomando o comboio em Nova Lisboa. Saímos desta estação por volta das dez da manhã e depois de percorridos mais de seiscentos quilómetros, chegaremos cerca das sete horas da manhã do dia seguinte a Vila Luso, simpática vila, sede do distrito do Moxico e com grandes aspirações razoáveis. É preciso arranjar um carro para nos conduzir à Missão da Luz, a seguir ao Bongo, o nosso maior centro missionário. A caminho da Lunda e pela estrada que nos leva à sua capital, Vila Henrique de Carvalho, e a cento e sessenta quilómetros da capital Luena (Vila Luso), encontramos o nosso centro missionário da Luz, com os seus potentes raios luminosos a iluminar as trevas do paganismo. Foi aqui que tive o privilégio de viver e trabalhar durante dois belos anos. De manhã toca o sino para a devoção matinal, — culto ao Criador do Universo — a seguir distribuição dos trabalhos e início das aulas. Os alunos que frequentam a escola de manhã, trabalham de tarde e vice-versa. Vamos visitar a escola, cujas aulas são ministradas por um professor português diplomado, ajudado por alguns auxilia-

res indígenas, nas classes rurais. Na carpintaria também se trabalha activamente, fazendo-se as mais variadas coisas. Visitemos os dormitórios, um para rapazes e outro para raparigas. Ali, uns e outros aprendem a viver higiénicamente. No dormitório das raparigas há uma aula de costura, onde aprendem a fazer coisas simples mas de utilidade. Uma visita aos campos da Missão, mostrará como os nativos são ensinados a tirar da terra os alimentos nutritivos para uma melhor alimentação. Que diremos do seu pequeno dispensário? Fazem-se ali centenas e até milhares de tratamentos anuais. O seu enfermeiro nativo é muito considerado e vem gente de muitos quilómetros de distância para ali se tratar. A influência desta Missão estende-se numa área de mais de trezentos quilómetros, onde estão estabelecidas várias escolas rurais, dirigidas por auxiliares nativos. A tribo desta região é a quioca, ainda arreigada às práticas poligâmicas e pagãs, aliadas a uma grande dose de ignorância, mas com a ajuda de Deus alguma coisa se tem conseguido, transformando-os em seres úteis a Deus, à Pátria e à Sociedade.

Temos que regressar a Vila Luso e dali seguir em sentido contrário para a Missão do Lucusse. São mais 160 quilómetros percorridos por uma estrada, em certos sítios quase impraticável e atravessando matas fechadas. Se fizermos a viagem de noite podemos observar, de vez em quando, o faiscar de uns olhos que podem ser de coelho, cabra do mato, onça, leão, etc. Esta Missão fica situada a quatro ou cinco quilómetros do Posto Administrativo do mesmo nome. É mais pequena que a Luz, o povo é mais adverso ao cristianismo, mas se for possível fazer permanecer ali, durante algum tempo, uma ou duas famílias missionárias, pode ser uma Missão de muito futuro. Um bom dispensário, com um enfermeiro dotado dos princípios de Cristo, poderá fazer ali um esplêndido trabalho. Os

colonizadora portuguesa em

Coadjuvando a acção



ANGOLA — Os catequistas recebem uma lição no mato



ANGOLA — Alunos do Instituto Adventista do Bongo com o Ex.^{mo} Administrador do Lepi

luenas (tribo desta região), são célebres nas suas práticas pagãs e diabólicas, mas apreciam os efeitos transformadores do evangelho de Cristo e isso os poderá fazer bons cristãos, renunciando a todas as más práticas e sendo elementos úteis entre o seu povo.

Regressando a Vila Luso e daqui a Nova Lisboa, repousamos alguns dias e então iniciaremos a viagem para a Missão do Cuale, a mais de seiscentos quilómetros. Esta terá que ser feita de carro, por estradas boas e más e atravessando a grande jangada do rio Quanza que demora mais de meia hora de um lado ao outro do rio. Passamos por Malange, sede de província, e caminhamos na direcção do Duque de Bragança, onde estão as grandes quedas do rio Lucala com noventa e oito metros de altura. Mais uns quilómetros, nova jangada a atravessar, ainda duas ou três horas de viagem e estamos na Missão do Cuale. Bonita Missão e com muito futuro. Tem, presentemente, duas famílias missionárias, cheias de boa vontade, para fazer daquela Missão um grande centro missionário. Também já tem algumas escolas rurais a alguns quilómetros de distância. A tribo «ginga» está muito grata pelo auxílio que estão recebendo e muitos dos seus componentes abandonam a vida pagã para viver como discípulos de Jesus. Fazendo nova viagem de regresso a Nova Lisboa e descansando um pouco, podemos continuar a viagem, percorrendo setenta quilómetros, até à Missão do Bongo, como já disse, o nosso maior centro missionário em terras de Angola e muito conhecido por grande parte dos habitantes desta colónia, que, de uma maneira geral, aqui se deslocam, para consultar o nosso médico ou tratar-se no hospital, que está quase repleto. Ainda há dias recebi uma carta de alguém que veio ao nosso hospital submeter-se a determinada operação, e entre outras coisas diz: «Faz hoje três meses que baixei ao hospital dessa mui nobre Missão Adventista, onde encontrei a cura do meu físico e, até certo

ponto, do meu espírito, pois na verdade, pela primeira vez, ouvi falar de um modo definido do Deus desconhecido de que nos fala S. Paulo. Da Missão do Bongo, do seu hospital e da sua simpática gente trago gratas recordações». Também temos uma leprosaria, onde o Dr. R. B. Parsons envida todos os esforços para debelar tão terrível mal.

Roubar-lhes-ia muito espaço se vos falasse pormenorizadamente da Missão do Bongo e sua acção colonizadora, mas no entanto desejo falar um pouco da obra educacional. E nesta Missão que está a Escola de Treino para catequistas, a qual tem um movimento razoável. Todas as outras Missões enviam para aqui os seus alunos, depois de terminada a instrução primária. Os alunos têm que passar por três classes rurais (A, B e C) de preparação à instrução primária. Entram na 1.^a classe, depois de passar na classe C, e vão até à 4.^a classe, onde terminam a instrução primária. Seguidamente têm mais dois anos de preparação normal rural (5.^a e 6.^a classes), após o que lhes é conferido o diploma de catequistas. Tivemos matriculados no ano lectivo de 1947, 458 alunos — dos quais 196 desistiram e ficaram reprovados, e obtiveram nota de passagem 262.

A Missão tem dois grandes dormitórios que comportam uma centena de alunos cada um. É um para rapazes e outro para raparigas.

Temos muitos planos e, acima de tudo, muitas necessidades. Apreciamos, ano após ano, os vossos donativos oferecidos às Missões e queremos apelar mais uma vez para a vossa generosidade. Temos presentemente ao serviço, na nossa União, sete famílias portuguesas que, fiéis às tradições do seu velho Portugal, querem coadjuvar a acção colonizadora portuguesa e contribuir para a dilatação da «fé e do império».

25 de Janeiro de 1948.

Feito um exame minucioso, que abrange desde as unhas dos pés até à ponta dos cabelos, formula o diagnóstico, rápido, seguro, frio. Por vezes chega a parecer-nos inclemente, aquela frieza rude. A nós, europeus meridionais, que costumamos doirar as verdades amargas, aquilo soa a desafinado... Mas é rara qualquer imprecisão e mais raro ainda um erro.

Por isso o corrilório dos carros é interminável; por isso aquele homem não tem paragem. Precisou de fixar com rigidez que, aos *Sábados*, descansaria.

É num sábado que escrevo, no silêncio reconfortante da tarde. A natureza que me cerca, beijada pelos últi-



S. TIAGO — Centro da ilha — Órgãos



CABO VERDE — Duas bravenses adventistas

mos raios do Sol, ruboriza-se — talvez de pudor e de saudade. A noite avizinha-se e, dentro em pouco, as serras serão breu, avivado aqui e além pelo fulgor das queimadas vandálicas.

É a hora da placidez e das meditações. Rememoro então o que vi lá baixo, nas enfermarias: — catres de dor mas, mais que isso, mansões de esperança... Enfermarias em que até o doente mais cruciado de tormentos sorri, ao lembrar-se do dia de amanhã! Longe de deixar à porta do hospital os restos de um alento moribundo, o doente recobra alma e coragem, ao transpor os umbrais da Missão do Bongo.

— A mim, confessa um, extraiu-me pedras enormes da vesícula biliar. Só vistas...

— Eu tinha duas úlceras no estômago, as dores eram insuportáveis; há mais de um ano que a minha vida não era viver... Pois, meu amigo, operado há cinco dias, aqui estou revocado à alegria, à esperança numa existência que é qualquer coisa mais que a dor e o desespero!

— Quanto a mim, restituiu-me a vista, que eu desesperava de reaver. Devo-lhe tudo, pois só sentia uma tentação: — a do suicídio!

— O que ele me fez a mim, dizia-me uma senhora — fê-lo a imensas mulheres a quem só restava um caminho: — a canceiração horripilante!

— Ao meu estômago tapou a «válvula» pri-

mitiva e abriu outra em lugar mais são... Duas horas e meia na marquesa!

E por aí fora, um desfilar de louvores e admirações. Muitos são-lhe trazidos nas garas da morte, abocanhados já pela agonia. As suas mãos vigorosas e sábies, num rasgo salvador, repõem esses moribundos no gozo da saúde.



Professa uma crença que não é a minha. É um credo que me não convence; mas comoveu-me a sinceridade com que o pratica. Estou ainda a vê-lo, no rio Bongo —, água a passar da cintura, baptizando alguns crentes brancos, adultos todos. A sua máscara rígida parecia transfigurada: — achei-o mais humano então, a ele, que tem da vida, certamente, um conceito mui diferente daquele que o nosso sentimentalismo doentio nos inculca.

nhã, por certo: sofre apenas a interrupção do sábado. E desde as 6,30 até ao meio-dia, é um rosário de casos diversos, na sala operatória. Ante cada paciente, as palavras iniciais: «*Vamos rezar!* Não precisa de dizer palavras, basta levantar o espírito para Deus» — E depois, ele: — «Meu Deus, guiai os meus dedos, para que este Irmão que sofre consiga encontrar a saúde...»

Cercado de pessoal dedicadíssimo, faz portentos este médico excepcional.

É um cirurgião milagreiro!

A colónia de Angola conhece-o de léis a léis:

...Chama-se ROY B. PARSONS.

José Martins Lopes

Médico

SALVADOR

EXT. DA VOZ DO PLANALTO

de 9/VIII/947

Observei de perto a sua caridade simples, sem alarde; — a sua dedicação extrema pelos doentes, alguns deles já farrapos humanos; enternei-me ao saber que a Missão mantém algumas crianças indígenas cujas mães foi impossível salvar.

Indiferente a proventos, trata por igual os pobres e os ricos: os que podem pagar e os que, ao retirarem, apenas podem exclaimar, comovidamente: *Muito obrigado*, Senhor Doutor...

A faina das operações recomeçará, ama-



ANGOLA — Professores e mestres
no Instituto do Bongo



Disse Jesus: «Qualquer que receber, em meu nome, um menino como este, a mim me recebe» (S. Marcos 18:5)

Temos de crer que viemos à vida em tempos de grandes problemas de toda a ordem. A inteligência criou um mundo novo de vida difícil. Vivemos no domínio da técnica, das matemáticas, das engrenagens, das estatísticas. De certeza, um dos nossos antepassados, de há cem anos, ficaria parvo perante a vida presente. O sistema nervoso dos nossos avós nem estaria adestrado para manejar o maquinismo social desta época nem teria energia precisa para lhe sofrer os choques.

Precisamos, porém, não cultivar um pessimismo estúpido, improdutivo. Se o mundo material é obra dos homens, provém da sua inteligência, nós seres humanos podemos viver nele e ser felizes, se tão somente soubermos evitar os males e aproveitar os be-

«Não andeis

(S. MATEUS 6:31)

nefícios. Haverá alguém que deseje regressar aos tempos das viagens a pé, em mala-posta? Quem desejaria voltar à época em que se desconhecia os Raios X, os raios ultra-violetas, os anestésicos, a penicilina, a maneira de fazer mil operações simples no corpo humano? Haverá, por infelicidade, algum louco que gostasse de viver nos tempos dos reis absolutos em que, a um simples sinal daquela fera humana, a sua vida, a vida e honra dos seus, as economias feitas à custa de tanto sacrifício, tudo seria levado sem possibilidade de uma simples reclamação? Havemos todos de concordar que estamos noutro nível, graças a Deus, à inteligência humana, aos sentimentos de fraternidade que religiosos, filósofos e sábios inocularam, pouco a

pouco, às vezes a preço da vida, na alma dos povos.

Certamente que estamos em cima de um vulcão. Precisamos tomar precauções. Mas a existência desse vulcão é ainda um sinal de vida e inteligência entre os humanos. Com efeito:

Existe o vulcão da guerra? É sinal que já não é fácil às forças maléficas da destruição ir onde quiserem, fazer o que lhes der na gana, sem que as forças do bem, os elementos contrários ao roubo, ao latrocínio, à patifaria, se levantem a fazer-lhes pagar caro o atrevimento. Os tiranos da Terra podem ainda encontrar escravos mas o seu império será aniquilado pelos homens livres, ao serviço de uma causa de bem, contrária sempre à violência, ao roubo, ao desprezo da vida alheia. Toda a causa que ignorar os Dez Mandamentos da Lei de Deus está sujeita ao mais retumbante insucesso. Foi sempre assim e há-de ser sempre assim.

Existe o vulcão das lutas sociais? Sinal evidente de que passa no espírito dos menos favorecidos a ideia de que não têm culpa de ter vindo ao mundo, de serem membros da

seres humanos. Os mais inteligentes devem pôr os seus talentos ao serviço da humanidade. Nem todos necessitam de pegar na pá ou na picareta. Por certo é necessário que haja cérebro para mandar e mãos para executar. Mas assim como o cérebro não vive ociosamente a explorar a mão nem esta a prejudicar o cérebro, importa também estabelecer o mútuo respeito, simpatia e auxílio entre todas as classes e actividades sociais.

Na nossa gravura está uma família moderna onde há o pão limpo e suficiente. A família criada segundo as directrizes cristãs deveria ser assim e, mais ou menos, assim é. Se esta família nada puder fazer senão cuidar da sua saúde, procurar executar a sua actividade de forma a não ser uma sobrecarga social, já fez muito. Mas, com mais um bocadinho de atenção, esta família e todas as famílias deste género podem ir mais longe. Podem ajudar de qualquer maneira os menos bem protegidos nos combates da vida.

Tem-se feito muito em toda a parte neste sentido. São muitos os particulares que já tomaram essa orientação. Os poderes públicos estão fazendo o que nunca se fez. São

pois, inquietos...» DISSE NOSSO SENHOR

sociedade e de terem um corpo para vestir e alimentar e uma alma a cultivar e salvar. Estamos muito longe da escravatura. O mundo não é património exclusivo dos espertos, dos inteligentes ou dos velhacos. A Terra com as suas riquezas e a sua beleza é de todos os



MOÇAMBIQUE — A caminho das Missões na solidão africana.

muitas as agremiações locais, regionais e nacionais. É a contra-ofensiva do bem orientada no sentido cristão. Precisamos apressar o passo para chegar à meta mais cedo do que a horda maléfica.

E por isso se torna necessário cristianizar o mundo, pagão e civilizado, se quisermos evitar a hecatombe. Ou a cristianização ou a bomba atómica. Ou uma humanidade ou nenhuma.

Não precisamos de andar inquietos. Necessitamos agradecer a Deus termos vindo ao mundo nesta tremenda hora de oportunidades, executar a nossa parte no plano social, observar sempre o mais escrupuloso respeito pelos direitos materiais e espirituais do nosso semelhante, viver dentro dos Mandamentos da Lei de Deus.

Em vez da inquietação cultivemos a paciência. «Sede pacientes até à vinda do Senhor».

A. DIAS GOMES

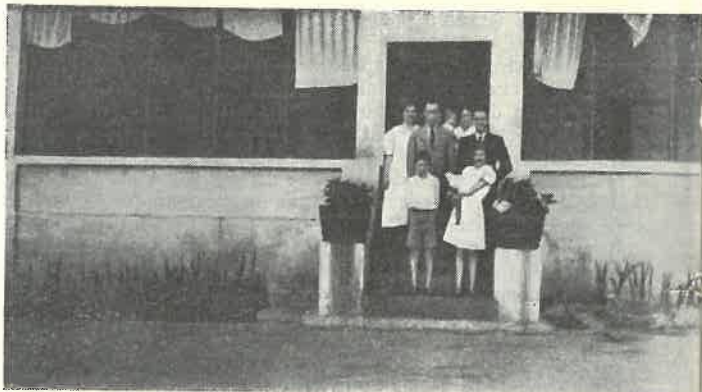
A bela Missão de Mungulúni fica situada na Circunscrição de Munhamade, distrito de Quelimane. Está rodeada de pequenas montanhas. A vegetação é exuberante. A pouca distância da Missão há grandes florestas infestadas de animais ferozes, tais como leões, tigres e muitos outros.

Tive o privilégio de trabalhar ali durante dois anos e meio, depois dos quais regressaria ao Continente devido ao estado de saúde de meu marido.

Posso constatar por experiência própria que as Missões são uma bênção onde quer que se encontrem. A Missão de Mungulúni, apesar de não estar havia muitos anos em actividade, contava já algumas centenas de crentes. E na escola encontravam-se já bastantes alunos, dos quais alguns se estavam preparando para fazer o exame de catequistas, encontrando-se hoje em plena actividade nas escolas do interior, denominadas *escolas do mato*.

O dispensário ministrava tratamentos a inúmeros doentes, que dia a dia chegavam para receber alívio dos seus sofrimentos.

Podemos ainda constatar o valor das Missões nas próprias palhotas dos indígenas. Assim, ao visitarmos a Missão de Mungulúni, se avançarmos mais um quilómetro, aproximadamente, estaremos numa aldeia de crentes indígenas. Encontraremos aí uma longa avenida com casas de um e outro lado, rigorosamente



MUNGULÚNI — Habitação do professor europeu

MISSÃO DE Mungulúni

POR BEATRIZ MIRANDA GOUVEIA

ANTIGA MISSIONÁRIA EM MUNGULÚNI



alinhadas. As casas são isoladas umas das outras e circundadas de interessantes jardins, obedecendo todas à mesma planta, podendo comparar-se, perfeitamente, a qualquer bairro económico do nosso País. Uma diferença, apenas, se nota: as construções ali são constituídas, unicamente, por paus e terra amassada, o que não impede que algumas tenham janelas com vidraças. Se compararmos uma destas habitações com a espécie de toca circular em que vive a maior parte das famílias indígenas, avaliaremos melhor o trabalho das Missões. Numas notamos o bom gosto, a higiene, a civilização; nas outras, imundície, degradação e paganismo.

Prezado leitor, valem a pena as Missões. Lembrai-vos de que milhões de almas perecem por falta dos mais rudimentares conhecimentos higiénicos e espirituais.

Contribui com as vossas migalhas para levar a luz do Evangelho e da Civilização aos que estão em trevas.



MOÇAMBIQUE — Professores missionários a caminho da escola

O que fizemos

EM TERRITÓRIO PORTUGUES, EM 1947-48, COM OS FUNDOS MISSIONÁRIOS ADVENTISTAS

- Enviámos uma família missionária para a ilha de S. Tomé. Passados meses, enviámos um professor europeu para a nossa escola primária.
- Estabelecemos um casal missionário na cidade da Praia, em Cabo Verde, e empregámos fundos na sua residência e no estabelecimento de uma sede missionária.
- Erigimos e mobilámos uma espaçosa igreja na cidade do Porto com lugares para centenas de pessoas.
- Pagaram-se despesas de repatriação de várias famílias missionárias brancas, de diversos campos africanos, e mantivemo-las na Metrópole durante meses de repouso e convalescença.
- Gastaram-se mais de cinquenta mil escudos em ajudas a desprotegidos e enfermos, nas Missões da União Portuguesa.
- Deram-se bolsas de estudo a uns quarenta estudantes pobres, alguns a estudar fora do Seminário Adventista.
- Mantiveram-se três escolas primárias nas Missões da União Portuguesa, onde perto de cento e cinquenta alunos pobres encontraram instrução gratuita e educação cristã.
- Vestiram-se muitas dezenas de pobrezinhos e gastaram-se milhares de escudos, nas Missões, em casamentos de nativos que viviam amancebados.
- Distribuíram-se milhares de folhetos e revistas, absolutamente grátis, bem como centenas de outros livros, entre os quais as Sagradas Escrituras
- Nas Missões de Angola e Moçambique, fora da Jurisdição da União Portuguesa, gastaram-se milhares de contos na manutenção do Hospital do Bongo, nos institutos educativos e escolas e dispensários no mato.

E aguardamos a colocação deste número da Revista das Missões para continuarmos o programa missionário nas colónias onde operem as nossas Missões e abrir novos centros nas que deles careçam



Centros Nacionais da Obra Missionária a que pertence esta revista :

Lisboa — Rua de Joaquim Bonifácio, 17

Porto — Rua de Ferreira Cardoso, 103

Portalegre — Rua do 1.º de Maio

Tomar — Rua da Fábrica, 70

Coimbra — Rua da Sofia, 181

Barreiro — Rua do Vinte de Abril

Vila Real de Santo António —
Rua do Dr. Passos, 2

Niza — Rua de Júlio Basso, 3

Serúbal — Rua de Estêvão de Vasconcelos, 49

Seminário Adventista — Quinta
de Santo António — Portalegre

Funchal — Rua de João de Deus, 7

Ponta Delgada — 1.ª Rua de
Santa Clara, 2

Angra do Heroísmo — Rua da
Oliveira, 12

Brava — (Cabo Verde) — Nossa
Senhora do Monte

S. Filipe — Fogo — Cabo Verde

Praia — S. Tiago — Cabo Verde

S. Tomé — Caixa Postal, 349

Nova Lisboa — (Angola) — Caixa
Postal, 3

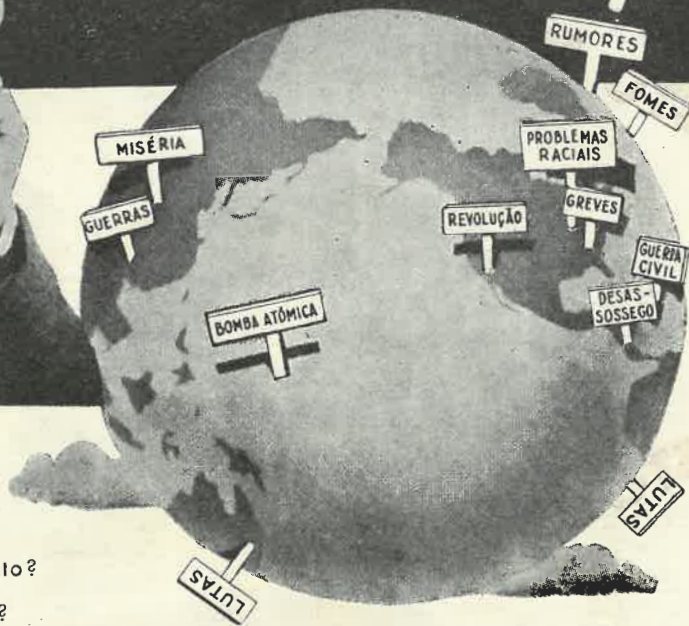
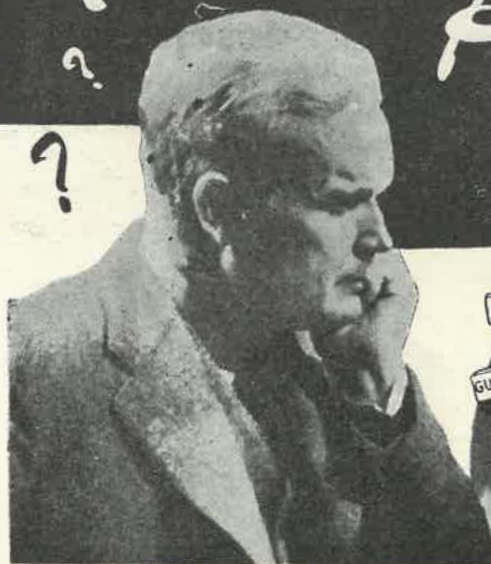
Missão de Mungulúni — Cor-
reio de Munhamade, Que-
limane — Moçambique

PREÇO: ESC. 5\$00

ESTARÁ O LEITOR

Perplexo

PELOS ACONTECIMENTOS?



O LEITOR

terá perguntado a si próprio

Haverá sempre guerras?
Por que permite Deus o sofrimento?
Que sucederá após a morte?
Que deverei fazer para me salvar?

Pois todas estas e outras perguntas têm resposta. Está organizado um Curso de Teologia Popular, para o estudo das profecias e doutrinas bíblicas sob o título:

ESCOLA RÁDIO POSTAL

PRAÇA DA ILHA DO FAIAL, 1-B e LISBOA

INTERESSA-VOS saber:

- Que a inscrição e lições são **absolutamente gratuitas**.
- Basta enviar um postal com o nome e morada em letra legível para receber a primeira lição e instruções respectivas.
- Cada lição demora a ser estudada, no máximo, meia hora.

- Cada lição leva um exercício escrito que o estudante remete à escola para ser corrigido. Feita a correção ser-lhe-á devolvido.
- A única despesa a fazer pelo aluno consiste no envio dos seus exercícios e na aquisição de uma Sagrada Escritura que poderá obter em qualquer livraria. O envio das lições e exercícios corrigidos está a cargo da Escola.
- Curso breve. Apenas vinte lições! No fim, receberá um diploma.

Haverá alguma coisa que possa impedir a vossa imediata inscrição?

Não esqueça!

O estudo dos magnos problemas humanos desenvolve a nossa personalidade!

ESCOLA RÁDIO POSTAL

PRAÇA DA ILHA DO FAIAL, 1-B • TEL. 42168 • LISBOA

Que
desejaremos
no futuro?

ISTO 

ou

ISTO? 

